

TCC/UNICAMP

Sca76d

1290003117/IE

Célio Hiratuka



1290003117

SIDADE ESTADUAL DE CAMPIN
INSTITUTO DE ECONOMIA

CEDOC/IE/UNICAMP

**DESEMPENHO DAS EXPORTAÇÕES BRASILEIRAS PARA OS ESTADOS UNIDOS NO
PERÍODO RECENTE**

133 20/10/06

CEDOC/IE/UNICAMP

Maíra Camargo Scarpelli – RA: 024485

Orientador: Prof. Dr. Célio Hiratuka

Hiratuka, Celio

CAMPINAS

2006

MAÍRA CAMARGO SCARPELLI

**DESEMPENHO DAS EXPORTAÇÕES BRASILEIRAS PARA OS ESTADOS UNIDOS NO
PERÍODO RECENTE**

CAMPINAS

2006

RESUMO

As relações de comércio com os Estados Unidos desempenham papel extremamente relevante para a balança comercial brasileira, visto que é o principal parceiro individual do Brasil e que a pauta de exportações para esse país é, por enquanto, uma das mais nobres em relação a outros destinos. Porém, a participação do Brasil nesse mercado apresentou uma tendência de redução contínua ao longo do período de 1990 a 2005. Neste trabalho, a partir da decomposição das informações sobre a pauta de importações estadunidenses obtidas no portal eletrônico do Departamento de Comércio dos Estados Unidos e manipuladas em planilhas de cálculo, verificou-se a evolução da competitividade das exportações brasileiras, em especial nos setores de maior dinamismo nos Estados Unidos. Buscou-se ainda identificar os principais concorrentes do Brasil e destacar seus produtos e fatores de sucesso. Conclui-se que apesar de o desempenho brasileiro não ter sido excepcional o Brasil tem conseguido aproveitar as oportunidades criadas pelo mercado norte-americano em alguns setores dinâmicos, nos quais vem se reforçando o perfil competitivo do Brasil.

ÍNDICE

I. INTRODUÇÃO	6
II. O MERCADO NORTE-AMERICANO E AS EXPORTAÇÕES BRASILEIRAS	7
1. O MERCADO DOS ESTADOS UNIDOS	7
2. DESEMPENHO COMERCIAL BRASILEIRO	11
3. RELAÇÕES COMERCIAIS BILATERAIS BRASIL-EUA	14
III. PRINCIPAIS MERCADOS CONCORRENTES	24
IV. CONCLUSÃO	30
V. REFERÊNCIAS	32

ÍNDICE DE TABELAS

TABELA 1 – PARTICIPAÇÃO DOS ESTADOS UNIDOS NO COMÉRCIO MUNDIAL 1990 A 2005 – Em US\$ MILHÕES	7
TABELA 2 – TAXA DE CRESCIMENTO MÉDIO ANUAL DAS IMPORTAÇÕES DOS EUA (%)	8
TABELA 3 – PARTICIPAÇÃO DO BRASIL NAS IMPORTAÇÕES DOS EUA (US\$ MILHÕES)	15
TABELA 4 – TAXA DE CRESCIMENTO MÉDIO ANUAL DAS IMPORTAÇÕES NORTE-AMERICANAS DE PRODUTOS BRASILEIROS (%)	17
TABELA 5 – TAXA DE CRESCIMENTO MÉDIO ANUAL DO MARKET-SHARE BRASILEIRO NO MERCADO NORTE-AMERICANO (%)	19
QUADRO 1 – CONTRIBUIÇÃO AO CRESCIMENTO DAS IMPORTAÇÕES DOS EUA X VARIAÇÃO DO MARKET-SHARE BRASILEIRO (1992 – 2004)	22
TABELA 6 – DESEMPENHO DOS PRINCIPAIS PAÍSES DE ORIGEM DAS IMPORTAÇÕES DOS EUA	25
TABELA 7 – CLASSIFICAÇÃO DOS PAÍSES DE ACORDO COM CRESCIMENTO DO MARKET-SHARE ENTRE 90-05 PARA SETORES EM QUE CRESCERAM O MARKET-SHARE BRASILEIRO	27
TABELA 8 – CLASSIFICAÇÃO DOS PAÍSES DE ACORDO COM CRESCIMENTO DO MARKET-SHARE ENTRE 90-05 PARA SETORES EM QUE DIMINUIU O MARKET-SHARE BRASILEIRO	29

ÍNDICE DE GRÁFICOS

GRÁFICO 1 – PAUTA DE IMPORTAÇÕES NORTE-AMERICANA - %	10
GRÁFICO 2 – COMÉRCIO EXTERIOR BRASILEIRO – 1990 - 2005 – US\$ BILHÕES	11
GRÁFICO 3 – PAUTA DE EXPORTAÇÕES BRASILEIRAS POR INTENSIDADE TECNOLÓGICA DOS PRODUTOS – 1989 E 2003 – Em %	12
GRÁFICO 4 – PARTICIPAÇÃO DOS PAÍSES DE DESTINO NO TOTAL EXPORTADO PELO BRASIL	13
GRÁFICO 5 – PARTICIPAÇÃO DAS EXPORTAÇÕES PARA OS ESTADOS UNIDOS NO TOTAL DE EXPORTAÇÕES BRASILEIRAS – 1990-2005 (%)	15

I. INTRODUÇÃO

Apesar do apreciável dinamismo apresentado pelo comércio exterior brasileiro a partir da década de 90, a participação relativa do Brasil no mercado internacional tem se conservado estável. Entre os vários fatores que afetam esse desempenho, dois aspectos merecem ser ressaltados: a baixa participação, na pauta de exportações brasileira, de produtos cuja demanda é crescente no mercado mundial; e a reduzida inserção do setor exportador brasileiro em países e regiões que apresentam demanda mais dinâmica.

Um desses mercados cujo dinamismo tem sido bastante elevado no período recente são os Estados Unidos. As importações norte-americanas representam ampla fatia do mercado de importações mundiais e, portanto, exercem papel essencial para um desempenho comercial positivo de seus parceiros, entre eles o Brasil.

O Brasil ainda exerce papel quase que insignificante no total das importações estadunidenses (menos de 1,46% em 2005); no entanto, do total de exportações brasileiras, em torno de 20 a 25% são destinadas aos Estados Unidos. Além de baixa, a participação do Brasil no mercado norte-americano tem apresentado redução preocupante ao longo dos últimos quinze anos: entre 1990 e 2005, a queda foi superior a 9% no *market-share* brasileiro.

Com o sentido de expandir a participação das exportações brasileiras no comércio bilateral com os EUA é necessário realizar, a partir da avaliação das modificações na pauta de importações dos EUA, um balanço do desempenho dos produtos exportados pelo Brasil, bem como, identificar quais os países concorrentes que ganharam participação nos setores em que a participação brasileira se reduziu.

Além desta breve introdução, o trabalho está dividido em três seções. Na primeira seção, serão apresentados panoramas da evolução do comércio externo do Brasil e dos Estados Unidos e a evolução e composição do comércio entre ambos no período recente, avaliando o dinamismo da demanda norte-americana, e, ao mesmo, o desempenho, nos diversos setores, das exportações brasileiras. Em seguida, na segunda seção, propõe-se identificar, dentre os produtos em que o *market-share* brasileiro reduziu-se, quais os países concorrentes que adquiriram, nova ou maior, participação. Ao final estão resumidas as principais conclusões do estudo.

Optou-se por trabalhar com os dados dispostos de acordo com a Classificação Norte-Americana de Atividades Industriais (NAICS) até três dígitos, para o período de 1990 a 2005, disponibilizados num sítio *on-line* pelo Departamento de Comércio dos Estados Unidos, realizando a análise do ponto de vista dos setores de atividade industrial.

II. O MERCADO NORTE-AMERICANO E AS EXPORTAÇÕES BRASILEIRAS

1. O Mercado dos Estados Unidos

De acordo com os dados da Organização Mundial de Comércio (OMC) a participação das importações norte-americanas no total das importações mundiais chegou, em 2005, a alcançar um percentual superior a 16% – o país com maior participação no comércio mundial nesse ano. Em relação às exportações, os Estados Unidos fecharam 2005 em segundo lugar, com 8,7% do total, atrás apenas da Alemanha.

Tabela 1 – Participação dos Estados Unidos no comércio mundial 1990 a 2005 – Em US\$ milhões

Ano	Importações			Exportações		
	Total mundial (a)	Estados Unidos (b)	Part. % (b/a)	Total mundial (c)	Estados Unidos (d)	Part. % (d/c)
1990	3.550.000	516.987	14,56	3.449.000	393.592	11,41
1991	3.633.000	508.363	13,99	3.515.000	421.730	12,00
1992	3.881.000	553.923	14,27	3.785.000	448.183	11,90
1993	3.876.000	603.438	15,57	3.781.000	484.773	12,29
1994	4.428.000	689.215	15,56	4.325.000	512.627	11,85
1995	5.284.000	770.852	14,59	5.184.000	584.743	11,32
1996	5.545.000	822.025	14,82	5.401.000	625.073	11,57
1997	5.738.000	899.020	15,67	5.589.000	689.182	12,33
1998	5.681.000	944.353	16,62	5.499.000	682.138	12,40
1999	5.920.000	1.059.440	17,90	5.709.000	695.797	12,19
2000	6.724.000	1.259.300	18,73	6.452.000	781.918	12,12
2001	6.481.000	1.179.180	18,19	6.186.000	729.100	11,79
2002	6.740.000	1.200.230	17,81	6.486.000	693.103	10,69
2003	7.857.000	1.303.050	16,58	7.578.000	724.771	9,56
2004	9.558.000	1.525.516	15,98	9.203.000	818.775	8,90
2005	10.783.000	1.732.348	16,07	10.431.000	904.383	8,67
Crescimento anual médio	7,69%	8,40%		7,66%	5,70%	

Fonte: Elaboração própria a partir de dados da Organização Mundial de Comércio.

A análise da participação dos Estados Unidos nos fluxos de comércio induz à constatação de seu poderio econômico e crescente importância no mercado mundial. Enquanto cerca de 11% do total das exportações mundiais dos últimos anos foram originadas nos Estados Unidos, aproximadamente 16% destinaram-se a este país. Em 2005 as importações norte-americanas superaram o nível de 1,7 trilhões de dólares, mais que o triplo do valor importado em 1990, apresentando um taxa média de crescimento anual de aproximadamente 8,4 % no período.

Nesse intervalo, a pauta de importações manteve-se em média composta por aproximadamente 85% de bens manufaturados (23% de bens não-duráveis e 62% de bens duráveis) e 15% de bens não-manufaturados. No entanto, ao comparar-se 1990 a 2005, nota-se uma leve redução na participação dos

bens manufaturados duráveis: 3,9%; enquanto os bens não-manufaturados apresentaram crescimento de 11,7% e os manufaturados não-duráveis elevaram em 1,2% sua participação em relação ao total importado.

A tabela 2 apresenta a taxa média de crescimento das importações de cada setor industrial, listados de acordo com a North American Industry Classification System (NAICS), divulgados pelo Departamento de Comércio dos Estados Unidos. A tabela apresenta os indicadores para o período completo e para 3 sub-períodos: de 1990 a 1995, de 1995 a 2000 e, de 2000 a 2005.

Tabela 2 – Taxa de crescimento médio anual das importações dos EUA (%)

	1990-1995	1995-2000	2000-2005	1990-2005
TOTAL	8,51	10,89	6,55	8,50
MANUFATURADOS	9,45	9,94	5,63	8,33
NÃO-DURÁVEIS	5,63	10,20	8,97	8,59
311 Produtos para fabricação de alimentos	2,58	6,65	9,34	6,15
312 Produtos para bebidas e fumo	3,82	12,83	8,69	8,39
313 Produtos têxteis	7,18	5,79	1,14	4,67
314 Produtos para fabricação de têxteis	10,52	12,03	12,91	11,81
315 Aparelhos e acessórios	8,78	10,36	3,42	7,48
316 Couro e produtos associados	6,10	5,12	4,52	5,25
322 Papel	7,44	2,79	3,01	4,39
323 Produtos para impressão, publicação e similares	9,14	7,54	5,90	7,52
324 Produtos de petróleo e carvão	(9,89)	24,25	19,45	10,18
325 Produtos químicos	12,02	12,27	11,45	11,91
326 Produtos de plástico e borracha	9,11	9,41	10,05	9,52
DURÁVEIS	10,54	9,84	4,36	8,21
321 Produtos de madeira	13,30	9,18	8,98	10,47
327 Produtos de minerais não-metálicos	7,85	11,26	4,53	7,84
331 Fabricação de metais primários	7,83	6,20	8,05	7,38
332 Produtos fabricados de metal, não incluídos em outra categoria	8,39	10,47	8,33	9,06
333 Maquinário, exceto elétrico	10,24	6,41	6,59	7,73
334 Computadores e produtos eletrônicos	16,44	10,18	1,48	9,20
335 Equipamentos elétricos, ferramentas e componentes	11,27	11,41	6,90	9,84
336 Equipamentos de transporte	8,59	10,65	3,32	8,81
337 Móveis e ornamentos	9,77	18,55	9,97	12,69
339 Outras commodities manufaturadas	8,43	10,36	6,78	8,52
NÃO-MANUFATURADOS	3,44	13,75	10,96	9,31
111 Produtos agrícolas	6,72	3,37	6,25	5,44
112 Rebanho animal e produtos animais	8,59	4,70	2,76	5,32
113 Produtos florestais	17,38	(6,81)	9,81	6,30
114 Peixe fresco/resfriado/congelado e outros produtos marinhos	6,27	7,58	2,51	5,43
211 Óleo e gás	0,01	16,40	15,95	10,51
212 Minerais e minérios	0,85	0,97	12,91	4,76
511 Jornais, livros e outros materiais impressos	-	-	-	-
910 Resíduos e sucata	8,95	(0,56)	11,33	6,45
920 Mercadorias usadas ou de segunda-mão	3,51	17,10	(1,05)	6,25
980 GOODS RET TO CA (EXP) US GOODS RET & REMPS (IMP)	9,76	14,37	1,21	8,31
990 Provisões especiais, não incluídas em outra categoria	6,22	20,86	4,49	10,28

Fonte: Elaboração própria a partir de dados do Departamento de Comércio dos Estados Unidos.

Ao avaliar os sub-períodos selecionados pode-se constatar que entre 2000 e 2005 o crescimento médio anual das importações foi menor que nos períodos anteriores. Porém ao analisarem-se as taxas de crescimento ano a ano percebe-se que não houve uma real redução nas taxas. O valor reduzido deve-se ao fato de em ambos os anos de 2000 e 2005 as importações terem apresentado valores elevados. No ano de 2000 as importações cresceram 18,75% em relação a 1999; em 2001, reduziram-se em 6% com a retração da economia americana associada ao ataque terrorista de 11 de setembro e com o posterior estouro da bolha no mercado de ações das empresas de tecnologia e os escândalos financeiros que afetaram economia até o final de 2002. A partir de 2003 a economia americana retoma sua trajetória de crescimento, impulsionando novamente as importações, chegando a crescer, em 2005, 13,7% em relação a 2004.

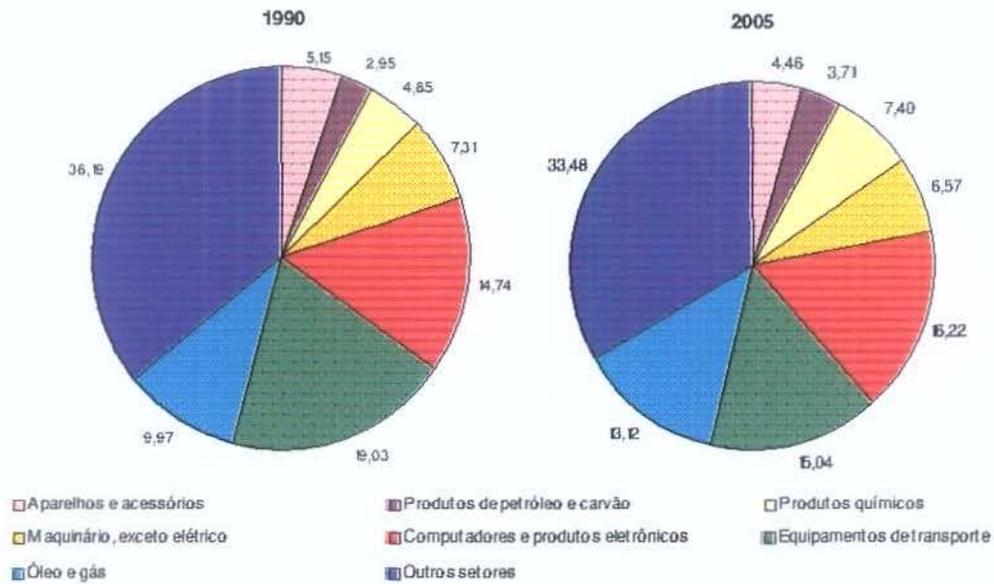
Nessa trajetória de crescimento, destacam-se os setores químicos e ligados em especial a petróleo, carvão, óleo e combustíveis, bem como, os setores de mobiliário e produtos de madeira, que apresentaram crescimento médio elevado, superior ao crescimento do total das importações. O setor de móveis, em especial, apresentou um crescimento de mais de 500% se compararmos os valores importados em 1990 e 2005. Por outro lado, os setores, têxtil, agropecuário, e de minérios apresentaram crescimento extremamente reduzido, chegando este último a uma taxa de apenas 4,76% de crescimento médio anual nas importações. Apesar de apresentarem crescimento abaixo da taxa média do total dos produtos, de forma geral, todos os setores apresentaram crescimento no valor importado no período.

Pode-se apontar ainda para o setor de computadores e produtos eletrônicos que apresentou taxa significativamente reduzida de crescimento entre 2000 e 2005 (1,5%), período em que o setor teve manifesto crescimento mundial. Ainda assim, as altas taxas anteriormente apresentadas permitiram ao setor apresentar, entre 1990 e 2005, uma taxa média de crescimento (9,2%) superior à taxa do total das importações, de 8,5% ao ano.

O gráfico 1 permite concluir que o setor de computadores e eletrônicos, apesar de apresentar taxa mediana de crescimento das importações, representa mais de 18% da pauta de importações realizadas entre 1990 e 2005. Pode-se ressaltar também a participação dos setores de equipamentos de transporte, maquinário e aparelhos e acessórios que apresentaram taxas mediais, porém têm grande participação na pauta, 17,6, 6,9 e 5,3 por cento, respectivamente. Por outro lado, destaca-se o setor de produtos para fabricação de têxteis que apesar de um crescimento superior a 12% ao ano, representa menos de 1% do total importado entre 1992 e 2004. Os setores de móveis e produtos de madeira, por sua vez, representam juntos apenas 2,65% do total importado no período. No entanto, assim como taxas elevadas de crescimento médio anual, apresentaram taxas crescentes de participação na pauta,

chegando a superar 76% no caso dos móveis e 30% no caso dos produtos de madeira, entre 1990 e 2005.

Gráfico 1 – Pauta de importações norte-americana - %



Fonte: Elaboração própria a partir de dados do Departamento de Comércio dos Estados Unidos.

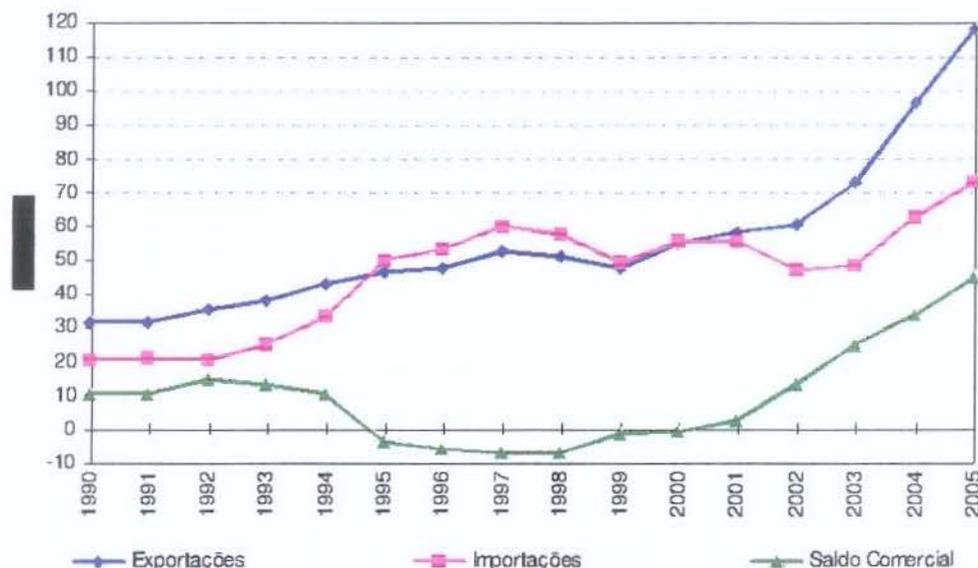
Apesar das leves modificações, o gráfico mostra que a pauta permaneceu composta fundamentalmente pelos mesmos produtos ao longo do período, os quais têm respondido em média por 60% do total importado.

2. Desempenho comercial brasileiro

O comércio exterior brasileiro apresentou um dinamismo considerável a partir da década de 90. No início da década, apesar do crescimento das exportações, observou-se um movimento de recuperação das importações causando uma redução nos superávits anuais da balança comercial, chegando a apresentar déficits consideráveis no período de 1995/1998, reflexo tanto da abertura comercial quanto da valorização cambial ocorrida com o plano de estabilização lançado em 1994. As exportações apresentaram um crescimento médio anual de 11,4% no período de 1991 a 1994 e de 4,1% no intervalo de 1994 a 1998. Por outro lado, as importações apresentaram crescimento médio anual de 16,2% e 14,4% para os respectivos períodos.

Esse processo se alterou em 1999 com a desvalorização cambial que impulsionou as exportações e reduziu novamente o volume de importações. Os superávits comerciais a partir de 2001 foram crescentes, atingindo US\$ 13 bilhões em 2002 e saltando para quase US\$ 45 bilhões em 2005 (Gráfico 2).

Gráfico 2 – Comércio Exterior Brasileiro – 1990 - 2005 – US\$ bilhões



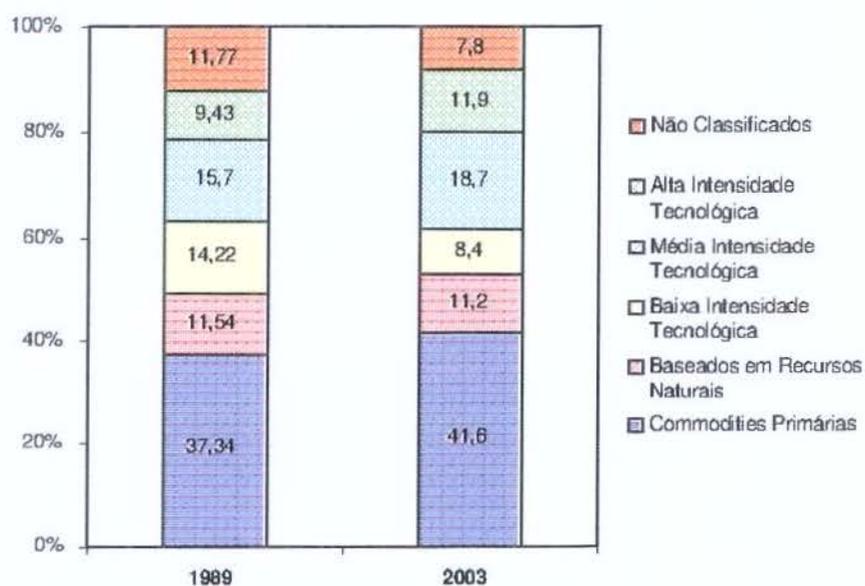
Fonte: Elaboração própria a partir dos dados da Secretaria de Comércio Exterior (SECEX).

Apesar das mudanças nos volumes exportados, a participação do Brasil no comércio internacional sofreu poucas alterações, oscilando ao redor de 0,9% das exportações mundiais. Essa participação baixa e estável no comércio mundial reflete, por um lado, o fato de que a pauta de exportações brasileiras se manteve com poucas alterações no período. Por outro lado, significa que a

penetração nos mercados mais dinâmicos (países e regiões que mais aumentaram as importações) também ficou aquém do necessário para elevar de maneira substancial a participação brasileira no comércio internacional (Coutinho et. Alli, 2003).

Com relação ao primeiro aspecto, é possível observar que, ao contrário das décadas de 70 e 80 onde ocorreu um nítido processo de diversificação da pauta, principalmente em direção a produtos manufaturados, na década de 90 verificam-se poucas mudanças, como pode ser visto no gráfico 3. Apesar da pequena elevação da participação de produtos manufaturados de média e alta intensidade tecnológica, as commodities primárias também aumentaram sua participação relativa, respondendo em 2003 por 41,6% do total.

Gráfico 3 – Pauta de exportações brasileiras por intensidade tecnológica dos produtos – 1989 e 2003 – Em %



Fonte: Elaboração NEIT – IE/UNICAMP

Ou seja, as exportações brasileiras continuam concentradas em produtos cujo dinamismo na demanda mundial é bastante baixo, fato que dificulta uma inserção maior nos fluxos de comércio mundial, como destacado em relatório da Conferência das Nações Unidas sobre Comércio e Desenvolvimento (UNCTAD, 2002).

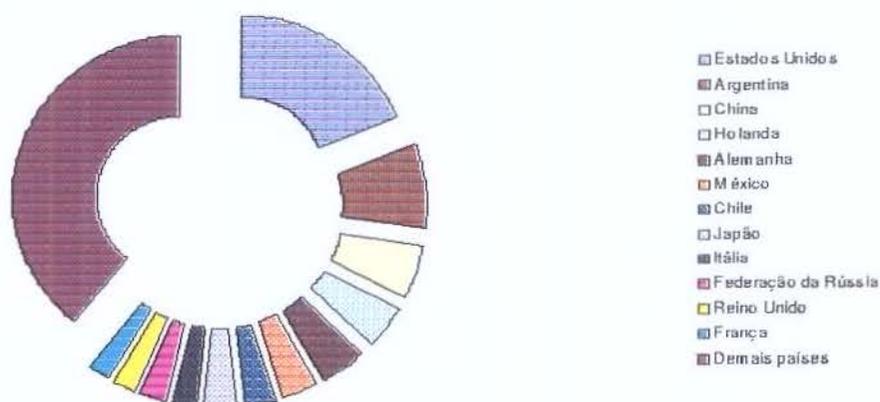
De acordo com estudo do Banco Nacional de Desenvolvimento Econômico e Social (BNDES, 2000), na década de 90:

“Apenas 18% do valor das exportações brasileiras foram gerados em setores em que o país apresentou ganho de competitividade e que, ao mesmo tempo, têm demanda crescente no comércio mundial, enquanto os setores em retrocesso apresentaram aumento da participação”. (Além, BNDES, 2000, pág.237).

Com relação ao segundo aspecto, Coutinho et. alli (2003) destacam que, entre os 15 países que mais contribuíram para o aumento das importações mundiais, a participação das exportações brasileira no total dessas importações é de 0,7%, portanto ainda menor do que a participação de 0,9% observada quando se considera o mundo como um todo. Ou seja, as exportações brasileiras não têm conseguido melhorar sua inserção em mercados dinâmicos, em grande parte por ter sua pauta concentrada em produtos cujo potencial de crescimento é menor, como as *commodities* primárias.

A inserção brasileira no mercado mundial é, de forma geral, bem ampla, englobando diversos setores e distintos mercados de destino para as exportações. Nos últimos anos da década de 90, a Europa manteve-se como principal destino das exportações brasileiras seguida pela América do Sul e México (Aladi). A partir de 1999 inicia-se uma mudança nessa configuração devido às crises nos diversos países da América do Sul. Apesar da desaceleração da economia norte-americana nesse período, grande parte dos produtos industrializados que deixaram de ser vendidos para a América do Sul foram absorvidos pelos Estados Unidos, passando este a ser o segundo maior destino de nossas exportações, atrás somente da Europa. O gráfico 4 apresenta os principais destinos das exportações brasileiras no ano de 2005.

Gráfico 4 – Participação dos países de destino no total exportado pelo Brasil



Fonte: Elaboração própria a partir de dados da Secretaria de Comércio Exterior (SECEX)

O Brasil mantém-se como um *global trader*; no entanto, há grandes diferenças na pauta de exportações destinada às diferentes regiões. Cerca de 50% das exportações brasileiras destinam-se às Américas e nesse mercado predominam as exportações de bens manufaturados, ao contrário da pauta destinada à Europa ou à Ásia, mercados que absorvem majoritariamente produtos brasileiros básicos e semimanufaturados, pouco dinâmicos e pouco intensivos em tecnologia.

É importante destacar, entre os 15 países analisados por Coutinho et. alli (2003), a relevância das importações dos Estados Unidos. Este país sozinho foi responsável por 25% de todo o crescimento das importações mundiais entre 1990 e 2000. Fica evidente, portanto, que as condições de competitividade no mercado estadunidense afetam de maneira importante qualquer país do mundo. No caso brasileiro, deve-se ressaltar que as negociações em torno da ALCA¹ tornam a avaliação da penetração das exportações brasileiras no mercado americano, realizada na seção a seguir, ainda mais importante.

3. Relações comerciais bilaterais Brasil-EUA

Ainda que o Brasil mantenha-se como um *global trader*, as relações bilaterais com os Estados Unidos desempenham papel extremamente relevante para a balança comercial brasileira, em especial devido à nobreza, em relação à valor agregado e intensidade tecnológica, específica à pauta destinada aos Estados Unidos.

A participação brasileira nesse mercado, isto é, as importações provenientes do Brasil apresentaram uma tendência de redução contínua ao longo da década de 90, saindo de um patamar de 1,6% em 1990, e atingindo seu menor nível em 1999, quando representou apenas 1,1% das importações totais dos Estados Unidos.

A partir de 2000 observa-se uma tendência de recuperação, mas, apesar do crescimento das importações norte-americanas de produtos brasileiros de diversos setores, em 2005, o *market-share* do Brasil nesse mercado foi de apenas 1,46%, percentual inferior ao apurado em 1990.

¹ Atualmente estão paralisadas as negociações em torno da ALCA, no entanto, mantém-se as possibilidades de maior liberalização comercial no continente americano, seja através da retomada das negociações ou de acordos setoriais bilaterais.

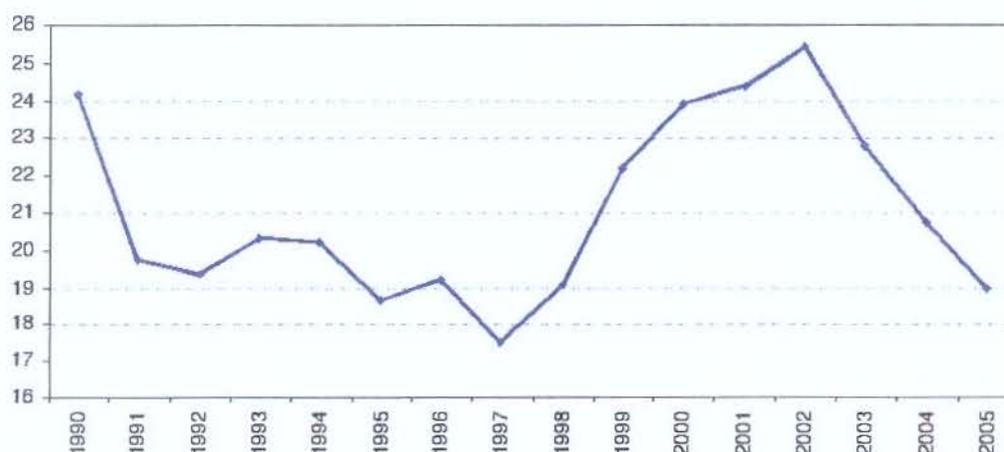
Tabela 3 – Participação do Brasil nas importações dos EUA (US\$ milhões)

Ano	Importação dos EUA		Part. % do Brasil	Part % média do Brasil		
	Brasil	Total		1990-1994	1995-1999	2000-2004
1990	7.937	491.127	1,62			
1991	6.701	484.193	1,38			
1992	7.593	527.254	1,44	1,41		
1993	7.455	575.262	1,30			
1994	8.703	659.097	1,32			
1995	8.809	738.805	1,19			
1996	8.762	791.035	1,11			
1997	9.630	870.004	1,11		1,12	
1998	10.122	913.671	1,11			
1999	11.314	1.024.603	1,10			
2000	13.855	1.216.725	1,14			
2001	14.462	1.141.784	1,27			
2002	15.812	1.163.416	1,36			
2003	17.884	1.259.273	1,42			1,34
2004	20.380	1.469.573	1,39			
2005	24.437	1.670.812	1,46			

Fonte: Elaboração própria a partir de dados do Departamento de Comércio dos Estados Unidos.

Essa questão se torna mais relevante quando se contrasta a pequena importância do Brasil nas importações dos EUA com a importância que as exportações para esse mercado têm no total de exportações brasileiras. Embora com oscilações ao longo do período, as exportações para o mercado norte-americano sempre representaram algo entre 20 e 25% do total das exportações brasileiras (Gráfico 5).

Gráfico 5 – Participação das exportações para os Estados Unidos no total de exportações brasileiras – 1990-2005 (%)



Fonte: Elaboração própria a partir de dados da Secretaria de Comércio Exterior (SECEX)

A explicação dessa perda de competitividade pode ser atribuída, em parte, ao estabelecimento do NAFTA² que teria levado a uma substituição das importações brasileiras em benefício de México e Canadá. Porém, pode também ser reflexo de uma divergência entre a pauta exportadora brasileira e a pauta de importações norte-americana.

Um diagnóstico mais preciso desta questão requer uma análise mais apurada dos dados, avaliando em primeiro lugar, qual foi o desempenho dos setores exportadores brasileiros naqueles setores onde mais cresceram as importações dos EUA, ou seja, verificar com quais produtos e em que setores os exportadores brasileiros conseguiram de fato aproveitar as oportunidades abertas pelo crescimento das importações norte-americanas.

De todo o valor importado pelos Estados Unidos no período de 16 anos (1990-2005), aproximadamente 1,3% foi importado do Brasil, percentual relativamente baixo. No entanto, a tabela 4 demonstra que as importações estadunidenses de produtos brasileiros cresceram a uma taxa anual média de 7,8% (ligeiramente inferior à taxa de crescimento das importações totais dos EUA), alcançando em 2005 mais que o triplo do valor apresentado em 1990.

Alguns outros pontos merecem destaque, como por exemplo, a manifesta diferença apresentada pelas taxas de crescimento médio dos sub-períodos selecionados. De 1990 a 1995 as importações de produtos brasileiros cresceram a reduzidos 2,11% em média ao ano, enquanto, como apresentado na tabela 2, o total das importações cresceu a 8,5% nesse período. Apenas no período de 2000 a 2005 que a taxa de crescimento das importações de produtos brasileiros superou a taxa apresentada pelo total das importações.

A grande maioria dos setores apresentou crescimento no terceiro período, repelindo o desempenho positivo dos períodos anteriores ou recuperando uma possível redução precedente. O setor de bens manufaturados duráveis foi o que mais se destacou, crescendo em média a 10,3% ao ano, ao lado do setor de não manufaturados que cresceu a uma taxa de 10% - influenciada pela alta taxa de crescimento das exportações do setor em 2005. Os manufaturados não-duráveis apresentaram crescimento de 3,43%, ainda tentando recuperar-se da queda das importações norte-americanas entre 1990 e 1995.

² North American Free Trade Agreement – Acordo comercial entre Estados Unidos, Canadá e México.

Tabela 4 – Taxa de crescimento médio anual das importações norte-americanas de produtos brasileiros (%)

	1990-1995	1995-2000	2000-2005	1990-2005
TOTAL	2,11	9,46	12,82	7,79
MANUFATURADOS	1,88	9,57	11,33	7,44
NÃO-DURÁVEIS	(2,65)	5,94	7,29	3,43
311 Produtos para fabricação de alimentos	(18,11)	5,63	10,70	(1,43)
312 Produtos para bebidas e fumo	15,92	(24,20)	67,33	13,71
313 Produtos têxteis	11,39	(8,92)	9,21	3,48
314 Produtos para fabricação de têxteis	2,46	5,16	14,71	7,31
315 Aparelhos e acessórios	(2,91)	(3,39)	7,00	0,12
316 Couro e produtos associados	2,18	0,59	(0,79)	0,66
322 Papel	21,01	0,44	4,84	8,41
323 Produtos para impressão, publicação e similares	24,90	49,04	7,75	26,11
324 Produtos de petróleo e carvão	(23,58)	44,49	12,42	7,47
325 Produtos químicos	6,23	7,01	10,18	7,79
326 Produtos de plástico e borracha	10,49	3,49	6,54	6,80
DURÁVEIS	5,74	11,94	13,34	10,29
321 Produtos de madeira	21,75	9,45	22,82	17,85
327 Produtos de minerais não-metálicos	8,52	15,21	25,28	16,13
331 Fabricação de metais primários	13,46	5,27	12,91	10,48
332 Produtos fabricados de metal, não inclusos em outra categoria	5,42	3,38	16,78	8,37
333 Maquinário, exceto elétrico	6,19	(0,11)	18,78	8,01
334 Computadores e produtos eletrônicos	16,56	35,90	2,13	17,39
335 Equipamentos elétricos, ferramentas e componentes	0,00	11,76	15,72	8,95
336 Equipamentos de transporte	(9,81)	32,25	7,49	8,63
337 Móveis e ornamentos	22,21	8,45	30,08	19,91
339 Outras commodities manufaturadas	(5,73)	7,00	9,75	3,45
NÃO-MANUFATURADOS	5,16	8,91	16,25	10,81
111 Produtos agrícolas	4,56	(4,67)	8,73	2,72
112 Rebanho animal e produtos animais	24,15	(14,36)	42,31	14,80
113 Produtos florestais	6,81	(4,50)	2,03	1,34
114 Peixe fresco/resfriado/congelado e outros produtos marinhos	1,87	8,38	0,48	3,52
211 Óleo e gás	224,99	65,01	88,55	115,47
212 Minerais e minérios	0,39	5,94	9,04	5,08
511 Jornais, livros e outros materiais impressos	-	-	(39,45)	-
910 Resíduos e sucata	22,99	30,54	(12,10)	12,17
920 Mercadorias usadas ou de segunda-mão	(17,13)	10,03	32,76	6,58
980 GOODS RET TO CA (EXP) US GOODS RET & REIMPS (IMP)	22,03	35,25	(0,33)	18,05
990 Provisões especiais, não inclusas em outra categoria	1,12	23,26	15,69	12,98

Fonte: Elaboração própria a partir de dados do Departamento de Comércio dos Estados Unidos.

Dentre os setores, os que se destacam são os de óleo e gás, além de produtos de madeira, móveis, minerais não-metálicos, materiais de impressão e publicação, computadores e produtos eletrônicos e equipamentos de transporte. Todos estes apresentaram taxas de crescimento médio bastante superior ao crescimento das importações em geral. O setor de óleos e gases, em especial, teve crescimento médio de mais de 115% ao ano, presumivelmente favorecido por novas tecnologias adquiridas no período para a exploração de petróleo. Dentro do setor de equipamentos de transporte,

apesar da estabilização dos valores entre 2004 e 2005, merece destaque a produção de aeronaves, que apresentou um valor de importação de produtos brasileiros mais de 1400% maior em 2004 que em 1992, alcançando quase 1,5 bilhões de dólares em 2004.

Apenas o setor de produtos para fabricação de alimentos apresentou taxa média negativa de crescimento, refletindo as fortes quedas entre 1990 e 1995, apesar de uma recuperação crescente a partir de 2000. Por outro lado, diversos setores apresentaram crescimento reduzido, ainda que positivo. Entre eles, os setores de couro e produtos agrícolas que apresentaram taxas de 0,65 e 2,7% ao ano, respectivamente – apesar da vantagem comparativa possuída pelo Brasil nesses setores.

Os valores apresentados na tabela 5 mostram que a participação do Brasil no mercado norte-americano reduziu-se em média 0,66% ao ano entre 1990 e 2005. Dentre os bens manufaturados não-duráveis, mais de 70% dos setores apresentaram taxas negativas; dos 30% restantes, apenas o setor de produtos de impressão e publicação apresentaram taxa média anual de crescimento da participação estimável. Ainda assim, esse valor é reflexo de um forte crescimento do setor entre 1995 e 2000, mas que representa menos de 0,2% da pauta exportadora brasileira.

Os bens duráveis foram os que apresentaram relativamente melhor desempenho; no entanto, apesar de positivas, as taxas de crescimento da participação no mercado desses setores foram extremamente baixas, merecendo destaque apenas os setores de produtos minerais não-metálicos, produtos de madeira e computadores e produtos eletrônicos. O desempenho de minerais não-metálicos foi, em grande medida, decorrente do crescimento médio anual de 36% no *market-share* do sub-setor de cimento e concreto.

Entre os bens não-manufaturados, apenas os setores de gás e óleo e de rebanho animal apresentaram taxas positivas significativas, em especial o primeiro, com crescimento médio de quase 95% no *market-share*. No entanto, esse crescimento não foi capaz de permitir que os produtos brasileiros ocupassem, em 2005, fatia superior a 0,75% das importações norte-americanas desse setor. No caso do setor de rebanho animal, a taxa de crescimento de 9% também não permitiu grande elevação no *market-share* desses produtos, o qual se manteve em 0,4% em 2005.

Tabela 5 – Taxa de crescimento médio anual do market-share brasileiro no mercado norte-americano (%)

	1990-1995	1995-2000	2000-2005	1990-2005
TOTAL	(5,00)	(0,92)	5,13	(0,66)
MANUFATURADOS	(7,10)	(0,34)	5,40	(0,81)
NÃO-DURÁVEIS	(8,71)	(3,87)	(1,54)	(4,75)
311 Produtos para fabricação de alimentos	(20,16)	(0,95)	1,24	(7,15)
312 Produtos para bebidas e fumo	11,66	(32,82)	53,95	4,91
313 Produtos têxteis	3,93	(13,90)	7,98	(1,14)
314 Produtos para fabricação de têxteis	(7,29)	(6,13)	1,59	(4,02)
315 Aparelhos e acessórios	(10,75)	(12,46)	3,47	(6,84)
316 Couro e produtos associados	(3,70)	(4,31)	(5,08)	(4,36)
322 Papel	12,63	(2,29)	1,78	3,85
323 Produtos para impressão, publicação e similares	14,43	38,59	1,74	17,29
324 Produtos de petróleo e carvão	(15,20)	16,29	(5,89)	(2,46)
325 Produtos químicos	(5,17)	(4,68)	(1,14)	(3,68)
326 Produtos de plástico e borracha	1,26	(5,41)	(3,19)	(2,49)
DURÁVEIS	(4,34)	1,91	8,60	1,92
321 Produtos de madeira	7,46	0,25	12,70	6,68
327 Produtos de minerais não-metálicos	0,62	3,55	19,85	7,69
331 Fabricação de metais primários	5,22	(0,88)	4,50	2,91
332 Produtos fabricados de metal, não inclusos em outra categoria	(2,74)	(6,41)	7,79	(0,63)
333 Maquinário, exceto elétrico	(3,68)	(6,13)	11,44	0,25
334 Computadores e produtos eletrônicos	0,10	23,34	0,64	7,50
335 Equipamentos elétricos, ferramentas e componentes	(10,13)	0,31	8,26	(0,81)
336 Equipamentos de transporte	(15,39)	19,52	4,04	1,71
337 Móveis e ornamentos	11,33	(8,53)	18,29	6,40
339 Outras commodities manufaturadas	(13,06)	(3,05)	2,78	(4,67)
NÃO-MANUFATURADOS	1,66	(4,28)	4,77	0,65
111 Produtos agrícolas	(2,02)	(7,78)	2,33	(2,58)
112 Rebanho animal e produtos animais	14,33	(18,20)	38,48	9,00
113 Produtos florestais	(9,00)	2,47	(7,09)	(4,67)
114 Peixe fresco/resfriado/congelado e outros produtos marinhos	(4,14)	0,74	(1,98)	(1,82)
211 Óleo e gás	224,98	41,76	60,89	94,97
212 Minerais e minérios	(0,45)	4,92	(3,43)	0,29
511 Jornais, livros e outros materiais impressos	-	-	-	-
910 Resíduos e sucata	12,88	31,28	(21,05)	5,37
920 Mercadorias usadas ou de segunda-mão	(19,94)	(6,03)	34,17	0,31
980 GOODS RET TO CA (EXP) US GOODS RET & REMPS (IMP)	11,18	18,26	(1,52)	8,99
990 Provisões especiais, não inclusas em outra categoria	(4,80)	1,99	10,72	2,44

Fonte: Elaboração própria a partir de dados do Departamento de Comércio dos EUA.

O cruzamento dos resultados obtidos anteriormente permite compor a matriz apresentada no quadro 1. A linha vertical na cor vermelha representa a mediana da contribuição setorial ao crescimento do total das importações realizadas pelos Estados Unidos entre 1990 e 2005, equivalente a 1,5%. Optou-se por utilizar o indicador de contribuição devido a ele ponderar o crescimento das

importações de um setor de acordo com a participação deste no total das importações. À direita dessa linha estão os setores cuja contribuição ao crescimento das importações do período superou o valor de 1,5%. À esquerda, estão os setores cuja contribuição ficou abaixo desse valor.

A linha horizontal na cor azul representa a taxa de crescimento da participação de produtos brasileiros nas importações realizadas pelos Estados Unidos, ou seja, o crescimento do *market-share* brasileiro nesse mercado entre 1990 e 2005. Acima dessa linha estão dispostos os setores com taxa de crescimento positiva do *market-share*. Abaixo da linha, os setores com taxa negativa, ou seja, em que houve redução do *market-share*. Nota-se que a distribuição dos setores é praticamente análoga acima e abaixo da linha horizontal.

O quadro também traz a participação de cada um dos setores na pauta de exportações brasileiras, tanto em 1990 quanto em 2005. Permitindo comparar o crescimento de cada setor à respectiva importância atribuída a ele pelo setor exportador brasileiro, bem como à variação de sua participação na pauta.

Os setores que estão à direita da linha vertical respondem por mais de 90% do crescimento das importações e compõe 77% da pauta brasileira de exportações. Os setores listados à esquerda da linha somam os percentuais restantes.

O ideal para o dinamismo e a competitividade do Brasil seria que diversos setores encontrassem-se no primeiro quadrante. Nesse quarto da matriz estão setores que contribuíram muito para o crescimento das importações dos EUA (mais de 61%) e em que o Brasil elevou sua participação em 90%; ou seja, o setor exportador brasileiro aproveitou as oportunidades abertas pelo crescimento das importações desses setores, elevando sua competitividade e adaptando a pauta exportadora ao dinamismo da demanda. Além disso, essa adaptação fica evidente ao analisar a modificação do peso desses setores na pauta brasileira, passando de 36% em 1990 para 60,5% em 2005.

Deve-se destacar o desempenho do setor de equipamentos de transporte, impulsionado especialmente pela aviação, que dobrou seu peso na pauta brasileira. Além desse, o setor de computadores e eletrônicos que tem grande contribuição às importações norte-americanas, e no qual o Brasil quase triplicou sua participação. Apesar disso, o setor ainda responde por pouco mais de 3% da pauta de exportações brasileiras.

Também agregam valor à pauta dinâmica de exportações os setores de maquinário, madeira e de algumas *commodities* brasileiras.

³ Contribuição = $[P_i^{92} * var(\dot{imp}92 - 2004)] * 100$. Onde P_i^{92} é a participação percentual do setor i nas importações totais dos EUA em 1992 e $var(\dot{imp}92 - 2004)$ é a variação percentual das importações de i entre 1992 e 2004. O resultado é um número que indica a contribuição do setor i para a formação da variação total das importações. Para a apresentação no quadro 1 a seguir, aplicou-se a participação % deste número à taxa de crescimento total.

No segundo quadrante, encontram-se setores que contribuíram com 29,4% do crescimento das importações norte-americanas; mas o Brasil perdeu mais de 30% do espaço que tinha no mercado. Com exceção do setor de aparelhos e acessórios cujas exportações brasileiras para os EUA cresceram menos de 2% entre 1990 e 2005, todos os demais apresentaram elevado crescimento das importações norte-americanas de produtos brasileiros, caracterizando uma situação em que as exportações brasileiras apesar de dinâmicas mostram-se insuficientes para aproveitar o crescimento do total de importações, levando a redução do *market-share*. Além disso, apesar de crescentes, as exportações brasileiras nesses setores tiveram uma redução de 11% na sua participação na pauta exportadora do Brasil, entre 1990 e 2005.

Cabe destacar o setor de produtos químicos, o qual contribui com significativos 8,5% das importações dos Estados Unidos; e, apesar de haverem triplicado as exportações brasileiras para esse mercado, o setor manteve sua participação na pauta brasileira e reduziu o *market-share* nos Estados Unidos em 43%.

O terceiro e quarto quadrantes são marcados pelos setores em que a contribuição ao crescimento das importações totais dos Estados Unidos não foi elevada (abaixo da mediana); no entanto, nos setores dispostos no quarto quadrante o Brasil ganhou espaço no mercado; já no terceiro quadrante o *market-share* reduziu-se.

Cabe destacar a presença no terceiro quadrante de diversos setores agrícolas, que são destacados como alguns dos principais exportadores brasileiros, apresentando baixo crescimento das exportações brasileiras e redução, tanto na participação do Brasil nos EUA, quanto na participação na pauta de exportações do Brasil.

No entanto, são setores em que os resultados podem ser diretamente afetados por barreiras protecionistas. Por outro lado, também indica uma tendência de mudança na pauta exportadora do país, deixando-se de focar em *commodities* agrícolas e passando para *commodities* agroindustriais, ou seja, produtos que passaram por algum processo industrial (refrigeração, moagem, etc) e portanto são classificados como produtos alimentícios e não mais agrícolas. Apesar disso, são produtos que não perdem a característica de *commodity*; sem diversificação.

Ainda assim, o setor de produtos para fabricação de alimentos sofreu redução de 19,5% nas exportações brasileiras, reduzindo em 74% sua participação na pauta e em 57% o *market-share* no mercado estadunidense. Logo, a redução dos setores agropecuários não foi compensada por elevação no setor de produtos alimentícios; no entanto é evidente a redução do percentual exportado pelo Brasil correspondente a tais setores, já que sua participação na pauta reduziu-se drasticamente.

Quadro 1 – Contribuição ao crescimento das importações dos EUA x Variação do market-share brasileiro (1992 – 2004)

Item	Contribuição ao crescimento das importações dos EUA 90-05	crescimento do market-share 90-05	Participação na pauta de exportações brasileiras para os EUA (%)		Item	Contribuição ao crescimento das importações dos EUA 90-05	crescimento do market-share 90-05	Participação na pauta de exportações brasileiras para os EUA (%)	
			1990	2005				1990	2005
Quadrante 4	3,88	54,89	6,19	8,40	Quadrante 1	61,46	90,95	36,19	60,52
327 Produtos de minerais não-metálicos	1,06	203,68	1,17	3,57	334 Computadores e produtos eletrônicos	16,83	196,09	1,03	3,71
322 Papel	0,89	76,32	2,69	2,94	211 Óleo e gás	14,44	2.286.678	0,00	6,56
312 Produtos para bebidas a fumo	0,78	105,27	0,04	0,09	336 Equipamentos de transporta	13,37	28,88	11,58	13,02
323 Produtos para impressão, publicação e similares	0,31	993,76	0,01	0,16	333 Maquinário, exceto elétrico	6,26	3,85	9,78	10,09
920 Mercadorias usadas ou de segunda-mão	0,30	4,78	0,19	0,18	331 Fabricação de metais primários	3,59	53,79	10,86	15,74
212 Minerais e minérios	0,21	4,86	2,05	1,39	980 GOODS RET TO CA (EXP) US GOODS RET & REIMPS (IMP)	2,12	263,77	0,75	2,93
910 Resíduos e sucata	0,17	119,19	0,02	0,04	337 Móveis e ornamentos	1,77	153,65	0,35	1,74
112 Rebanho animal e produtos animais	0,15	264,47	0,02	0,05	321 Produtos de madeira	1,56	163,73	1,68	6,40
511 Jornais, livros e outros materiais impressos	-	-	-	0,00	990 Provedores especiais, não incluídos em outra categoria	1,52	43,57	0,16	0,32
Quadrante 3	5,25	(47,52)	38,76	14,31	Quadrante 2	29,40	(30,98)	18,86	16,77
311 Produtos para fabricação de alimentos	1,50	(67,11)	15,27	3,99	325 Produtos químicos	8,54	(43,06)	3,65	3,65
316 Couro e produtos acedidos	1,22	(48,80)	13,49	4,83	339 Outras commodities manufaturadas	4,78	(51,21)	2,07	1,12
314 Produtos para fabricação de têxteis	0,93	(45,99)	1,20	1,13	315 Aparelhos e acessórios	4,18	(65,47)	1,70	0,56
111 Produtos agrícolas	0,74	(32,40)	7,09	3,44	324 Produtos de petróleo e carvão	4,03	(31,14)	6,34	6,07
114 Peixe fresco/refrig./congelado e outros produtos marinhos	0,44	(24,04)	1,05	0,58	335 Equipamentos e elétricos, ferramentas e componentes	3,57	(11,44)	1,69	1,98
313 Produtos têxteis	0,31	(15,78)	0,57	0,31	332 Produtos fabricados de metal, não incluídos em outra categoria	2,53	(9,06)	1,92	2,09
113 Produtos florestais	0,11	(51,19)	0,08	0,09	326 Produtos de plástico e borracha	1,78	(31,44)	1,49	1,30

Fonte: Elaboração própria a partir de dados do Departamento de Comércio dos Estados Unidos.

A redução pode não apresentar conseqüências graves visto que ocorreu em setores que contribuíram para apenas 5,25% do crescimento do total das importações; apesar de terem apresentado crescimento de 143% na demanda norte-americana no período.

Já no quarto quadrante, aparecem alguns dos setores que apresentaram maiores taxas de crescimento nas exportações brasileiras para os Estados Unidos; por exemplo, o setor de minerais não-metálicos que cresceu mais de 800% no período alcançando uma taxa média de crescimento de 16% ao ano. Somados, os setores deste quarto da matriz, apresentaram crescimento das importações dos EUA de produtos brasileiros 2 vezes superior ao crescimento das importações totais dos EUA nesses setores. Disso decorreram: um crescimento do *market-share* nesse grupo de setores de 55%, e um crescimento de 36% da sua participação na pauta brasileira de exportações.

Apesar do bom desempenho do Brasil, esses são setores responsáveis por menos de 4% do crescimento das importações dos Estados Unidos, ou seja, apesar da demanda com crescimento positivo, têm baixo peso na pauta de importações. Por exemplo, o setor de produtos de minerais não-metálicos, no qual o Brasil teve crescimento de *market-share* superior a 200%; e, no entanto, o setor contribuiu para apenas 1,06% do crescimento do total das importações dos EUA no mesmo período. Ou ainda o setor de produtos para impressão e publicação cujo crescimento no *market-share* pode levar a conclusões equivocadas se não confrontado à baixa contribuição ao crescimento das importações dos EUA (0,31%), bem como ao crescimento das exportações brasileiras aos Estados Unidos (0,22%).

Logo, diversos desses setores têm adquirido crescente espaço na pauta de exportações do Brasil, o que, somado às taxas de crescimento da demanda norte-americana, inferiores às taxas de importação de produtos do Brasil, resultaram num ganho de *market-share* brasileiro. No entanto, não se pode esquecer que esses setores têm pouca importância na pauta norte-americana, sendo necessário que se acompanhe a evolução desses indicadores a fim de evitar que o Brasil dedique-se a estas oportunidades em detrimento de outras que apresentem maior dinamismo no mercado norte-americano.

Em que pese a redução de 49% no período na participação dos setores dos quadrantes 3 e 4 na pauta brasileira, não é prudente dizer que as exportações destinadas aos Estados Unidos de produtos destes setores devam ser desestimuladas; no entanto, deve-se haver um acompanhamento das estratégias de competitividade e potencial dos mesmos, visto que somados eles respondem por ínfimos 9,13% do crescimento total das importações. Logo, se faz necessário um monitoramento desses mercados a fim de avaliar a existência de outras oportunidades mais promissoras, tanto em relação a outros mercados de destinos quanto a investimentos em outros setores mais dinâmicos.

III. PRINCIPAIS MERCADOS CONCORRENTES

Com o sentido de analisar as causas da baixa participação brasileira no mercado norte-americano, apesar do crescimento das exportações, e na tentativa de se desenvolver políticas de investimento e incentivos ao comércio externo, é que se encaixa um estudo dos principais concorrentes do Brasil, para os quais vimos perdendo espaço nos últimos anos.

Foram selecionados os 25 principais países de origem de produtos importados pelos Estados Unidos, de acordo com a pauta de importações do ano de 2005. Juntos esses países tem controlado, em média, cerca de 87% do total de importações dos Estados Unidos; considerando-se apenas os dez principais, a participação chega a 70% ao ano. O Brasil vem se mantendo entre os 15 principais exportadores de produtos para os Estados Unidos, porém com valores de exportação muito aquém dos apresentados pelos países que ainda estão à sua frente.

Na tabela 6 são apresentadas as taxas de crescimento das exportações desses 25 países para os Estados Unidos, bem como a variação apresentada no respectivo *market-share*. Destaca-se a participação da China, que em virtuoso crescimento nos últimos anos, alcançou em 2003 o posto de segundo maior provedor da demanda norte-americana e já quadruplica sua participação nesse mercado entre 1990 e 2005, mantendo taxas elevadas de crescimento anual das exportações, levando a um crescimento de quase 1500% no período.

As variações do *market-share* da Federação Russa e da Irlanda também se mostram elevados; no entanto, são países que partiram de participações percentuais muito baixas em 1990, e em 2005, esse percentual ainda não os coloca entre os 10 principais países. Ainda assim, são países que merecem atenção pelo desempenho apresentado até o momento, em especial a Irlanda.

Dentre os demais países, têm se mantido nas primeiras posições da lista, México, Canadá e Alemanha; os dois últimos com uma leve queda na participação. O Japão, apesar de manter-se na quarta posição em 2005, reduziu sua participação para menos da metade que possuía em 1990. Além desses, apesar da redução no *market-share*, mantém-se a presença dos principais países asiáticos, ao lado das principais potências européias e as principais potências do mercado de petróleo e derivados.

Tabela 6 – Desempenho dos principais países de origem das importações dos EUA

	Parceiro	Crescimento das importações dos EUA (%)	Market-share em 2005	Variação do market-share 90-05
	Total (mundial)	240,20	100%	-
1	Canada	215,05	17,23%	-7,39%
2	China	1499,21	14,57%	370,08%
3	Mexico	464,09	10,19%	65,81%
4	Japan	52,70	8,26%	-55,11%
5	Germany	200,82	5,08%	-11,58%
6	United Kingdom	151,69	3,06%	-26,02%
7	South Korea	136,73	2,62%	-30,41%
8	Taiwan	53,70	2,09%	-54,82%
9	Venezuela	259,55	2,03%	5,69%
10	France	157,91	2,03%	-24,19%
11	Malaysia	539,25	2,02%	87,90%
12	Italy	143,71	1,86%	-28,36%
13	Ireland	1539,75	1,71%	382,00%
14	Saudi Arabia	172,98	1,63%	-19,76%
15	Brazil	207,88	1,46%	-9,50%
16	Nigeria	304,67	1,45%	18,95%
17	Thailand	275,77	1,19%	10,45%
18	India	489,35	1,13%	73,24%
19	Israel	409,42	1,01%	49,74%
20	Russian Federation	3082,26	0,91%	835,41%
21	Singapore	53,64	0,80%	-54,84%
22	Netherlands	198,91	0,80%	-12,14%
23	Sw eden	180,43	0,83%	-17,57%
24	Belgium	197,95	0,78%	-12,42%
25	Sw itzerland	138,26	0,78%	-29,97%
	Total (25)	236,98	86%	-0,95%

Fonte: Elaboração própria a partir de dados do Departamento de Comércio dos EUA.

O Brasil mantém-se estável no ranking ao longo dos anos, porém essa situação é muito variável ao considerarmos os setores individualmente. Em 28 dos 32 setores analisados, o Brasil figura entre os 25 principais fornecedores dos Estados Unidos em 2005; sendo que em 12 desses o Brasil perdeu participação relativa no mercado.

De acordo com a variação do *market-share* brasileiro e da importância na pauta de exportações do Brasil foram selecionados alguns setores específicos para que se pudesse comparar o respectivo desempenho dos principais concorrentes do Brasil. Foram selecionados apenas setores em que o Brasil figurava entre os principais 25 mercados de origem.

A tabela 7 apresenta o ranking dos 25 principais países exportadores de cada setor no ano de 2005 acompanhados pela variação de seu *market-share* entre 1990 e 2005, para alguns setores de grande peso na pauta de exportações; e, nos quais o Brasil elevou sua participação. Chama a atenção, a presença constante de alguns países à frente do Brasil, em especial, China, Canadá e México; indicando que estes sejam provavelmente seus principais concorrentes no mercado dos Estados Unidos. Além disso, vale apontar as altas taxas de crescimento do *market-share* da Índia, o qual dobrou entre 1990 e 2005. Dessa forma, o país vem consolidando sua posição também no mercado norte-americano e representa uma forte concorrência ao Brasil.

Entre os setores analisados, destaca-se o setor de equipamentos de transporte, que classifica o Brasil entre os 5 países que mais ganharam espaço no mercado norte-americano; enquanto importantes produtores como Canadá, no setor de aviação, e Japão, no setor automobilístico, sofreram redução em suas participações de 9,8% e 35,7%, respectivamente.

O setor de fabricação de metais primários também se destaca, pois responde por 16% da pauta de exportações do Brasil e contribuiu para 18% do crescimento das importações estadunidenses de produtos brasileiros. Nesse setor o Brasil é o quinto maior fornecedor dos Estados Unidos; e apesar disso, e do crescimento da participação do Brasil no setor, outros países tiraram maior proveito das oportunidades nesse mercado, como por exemplo, Canadá e China que em 1990 exportavam muito menos aço, ferro, alumínio – e outros produtos deste setor – para os EUA do que o Brasil, superando-o em 2004. Por outro lado, países como Alemanha, África do Sul e, principalmente, Japão, que superavam o Brasil em 1990, perderam grande espaço no período.

O crescimento chinês em metais primários é considerado um grande obstáculo à competitividade brasileira nesse setor, especialmente no mercado asiático. Portanto, uma participação relevante nos mercados estadunidense e europeu é extremamente importante para a manutenção do bom desempenho brasileiro, uma vez que os produtos de aço, ferro e alumínio, compõem um dos principais pilares do setor exportador brasileiro. Portanto, faz-se necessário um acompanhamento mais próximo de sua evolução e desempenho nos próximos anos.

No setor de computadores e produtos eletrônicos; setor que mais contribuiu para o crescimento das importações norte-americanas e ainda não apresentou maior participação na pauta brasileira, apesar do crescimento elevado do *market-share* brasileiro, o país ainda não alcançou posição de destaque. No entanto, há uma tendência de crescimento nesse campo, que inclui além de computadores, equipamentos de comunicação, áudio e vídeo.

Superaram o Brasil nesse setor, em especial, países asiáticos, que vêm desenvolvendo crescentemente tecnologias avançadas e exploram os custos reduzidos de mão-de-obra, como China,

Malásia, Filipinas e Tailândia. Esses países vêm deslocando o fluxo de comércio que antes pertencia a grandes potências tecnológicas, como por exemplo, o Japão que reduziu seu *market-share* em 70% pois suas exportações para os Estados Unidos mantiveram-se em 2005 no mesmo patamar dos valores de 1990.

Tabela 7 - Classificação dos países de acordo com crescimento do market-share entre 90-05 para setores em que cresceu o market-share brasileiro

Fabricação de metais primários		Equipamentos de transporte		Maquinário, exceto elétrico		Computadores e produtos eletrônicos		Produtos de minerais não-metálicos		
331		336		333		334		327		
1	Canadá	-7,5%	Canadá	-9,8%	Japão	-36,7%	China	1417,6%	China	558,0%
2	México	79,5%	Japão	-35,7%	China	1525,1%	México	69,5%	México	40,6%
3	Federação Russa	0,0%	México	141,7%	Alemanha	-20,3%	Japão	-71,1%	Canadá	-14,5%
4	China	781,8%	Alemanha	30,8%	Canadá	15,9%	Malásia	133,4%	Itália	-18,0%
5	Brasil	33,8%	Coreia do Sul	195,0%	México	230,0%	Taiwan	-26,6%	Brasil	203,7%
6	África do Sul	-25,0%	Reino Unido	-8,9%	Itália	3,1%	Coreia do Sul	-21,2%	Alemanha	-47,4%
7	Alemanha	-22,9%	Franga	-30,3%	Reino Unido	-32,1%	Canadá	-49,8%	Japão	-70,4%
8	Peru	398,8%	China	1938,0%	Franga	-13,8%	Cingapura	-80,7%	Espanha	-8,8%
9	Japão	-71,9%	Brasil	28,9%	Coreia do Sul	34,8%	Tailândia	57,9%	Turquia	660,1%
10	Chile	55,7%	Suécia	-48,3%	Taiwan	-31,5%	Alemanha	-22,3%	Franga	-54,7%
11	Reino Unido	-19,8%	Taiwan	-17,4%	Brasil	3,8%	Filipinas	30,1%	Índia	454,2%
12	Coreia do Sul	-17,6%	Itália	-24,8%	Suécia	5,9%	Reino Unido	-42,3%	Tailândia	58,8%
13	Franga	-60,6%	Bélgica	5,3%	Holanda	16,7%	Irlanda	97,6%	Reino Unido	-58,4%
14	Austrália	-74,6%	Áustria	481,3%	Suíça	-41,2%	Suíça	6,5%	Taiwan	-77,8%
15	Venezuela	5,4%	Israel	13,5%	Áustria	25,4%	Franga	-27,9%	Coreia do Sul	-38,1%
16	Taiwan	62,8%	Austrália	-21,4%	Dinamarca	15,8%	Israel	9,7%	Venezuela	-5,7%
17	Índia	287,0%	Eslováquia	0,0%	Bélgica	-51,3%	Indonésia	2181,3%	Colômbia	60,3%
18	Itália	-2,8%	Espanha	-38,9%	Israel	13,8%	Suécia	13,8%	Áustria	-28,9%
19	Turquia	173,3%	África do Sul	2140,1%	Índia	383,6%	Hong Kong	-82,6%	Indonésia	178,7%
20	Suécia	-21,2%	Filipinas	16,6%	Finlândia	-8,8%	Hungary	27471,3%	Grécia	-26,7%
21	Bélgica	-40,5%	Tailândia	32,2%	Espanha	28,3%	Itália	-24,9%	Polónia	75,3%
22	Ukraine	0,0%	Índia	1063,1%	Malásia	-3,6%	Holanda	-28,6%	Irlanda	-66,4%
23	Noruega	-43,0%	Finlândia	2180,8%	Tailândia	157,9%	Brasil	198,1%	Suécia	-2,1%
24	Colômbia	541,8%	Holanda	-72,0%	Cingapura	-58,9%	Finlândia	98,5%	Israel	81,9%
25	Áustria	65,0%	Suíça	57,0%	República Tcheca	0,0%	Costa Rica	1027,9%	África do Sul	12,5%

Fonte: Elaboração própria a partir de dados do Departamento de Comércio dos Estados Unidos.

Em situação similar encontra-se o setor de máquinas não-elétricas; as diferenças são que este setor tem importância muito maior na pauta de exportações do Brasil e o market-share cresceu ínfimos 3,8% apesar do crescimento de mais de 200% nas exportações para os Estados Unidos. Novamente apresenta crescimento arrebatador, a China, e, em menor medida, a Índia.

Vale destacar que países como Alemanha e Japão, que costumam figurar entre os principais parceiros dos EUA, perderam espaço no setor de produtos de minerais não-metálicos, enquanto o Brasil foi o terceiro país que mais elevou sua participação. No entanto, cabe lembrar que este setor contribuiu para pouco mais de 1% do crescimento das importações estadunidenses.

Por outro lado, a tabela 8 apresenta o ranking dos 25 principais países exportadores de cada setor no ano de 2005 acompanhados pela variação de seu *market-share* entre 1990 e 2005, para alguns de grande peso na pauta de exportações; e, nos quais o Brasil reduziu sua participação. Novamente destaca-se a presença constante de China, Índia e México mais bem posicionados que o Brasil.

Como já mencionado anteriormente, os produtos relacionados à agricultura e à pecuária ainda têm grande participação na pauta de exportações do Brasil, mesmo que passem por processos industriais e passem a fazer parte do setor de produtos para fabricação de alimentos. No entanto, o Brasil perdeu *market-share* tanto nos produtos agrícolas, quanto nos relacionados a alimentos e couro.

No setor de couro e associados, incluem-se as produções de, por exemplo, calçados, nas quais a China tem crescido demasiadamente e se tornado um dos mais agressivos concorrentes da produção brasileira. De fato, a participação da China no mercado norte-americano de couros triplicou entre 1990 e 2005, chegando ao final do período com um completo domínio do mercado: *market-share* de 65%. Além da China, o México apresentou bom desempenho, mas apesar do elevado crescimento sua participação em 2005 foi de apenas 6,45% do mercado.

Em relação aos produtos químicos, diversos países, com destaque para Irlanda, China e Índia aproveitaram-se do crescimento de mais de 400% nas importações norte-americanas; enquanto, o Brasil amargou uma redução de 43% em sua participação. Esta é uma redução importante já que, como visto anteriormente, o setor contribui com 8,5% das importações norte-americanas. Vale destacar que, neste setor, além do Brasil, outros importantes parceiros comerciais dos Estados Unidos perderam participação como Canadá, Alemanha, Japão e México.

O setor de produtos de borracha e plásticos contribui com menos de 1,2% do crescimento das exportações brasileiras para os Estados Unidos; no entanto, as importações estadunidenses desse setor cresceram a 9,5% ao ano entre 1990 e 2005. Novamente, figuraram entre os países que mais aproveitaram essa oportunidade, China, Índia, México e Canadá, com destaque para os dois primeiros.

No caso dos produtos agrícolas o Brasil ainda está entre os 5 principais fornecedores dos Estados Unidos, mas, no entanto, sua participação reduziu-se no período. Diferentemente dos demais setores o crescimento das importações estadunidenses estimulou a participação de países que não se destacam em outras áreas, como por exemplo, Argentina, Austrália, Chile e Peru; além de, novamente, China e Índia.

Os produtos para fabricação de alimentos seguiram o exemplo dos demais setores, destacando como principais fornecedores: Canadá, México e China. O Uruguai apesar do elevado crescimento, ainda apresenta participação reduzida nesse mercado (0,5%). O Brasil ainda mantém-se na oitava

colocação em valores absolutos no setor; no entanto, em 1990, sua participação relativa era de 10%, enquanto em 2005, reduziu-se para 3,8%.

Tabela 8 - Classificação dos países de acordo com crescimento do *market-share* entre 90-05 para setores em que diminuiu o *market-share* brasileiro

Couro e produtos associados		Produtos para fabricação de alimentos		Produtos químicos		Produtos agrícolas		Produtos de plástico e borracha	
316		311		325		111		326	
1 China	276,7%	Canadá	106,9%	Irlanda	719,7%	México	29,5%	Canadá	27,0%
2 Néia	-30,0%	México	54,2%	Canadá	-22,6%	Canadá	49,6%	China	409,9%
3 México	231,5%	China	374,5%	Alemanha	-27,4%	Colômbia	-12,0%	Japão	-52,6%
4 Brasil	-48,8%	Austrália	-38,3%	Reino Unido	-20,0%	Chile	30,9%	México	118,0%
5 Viet Nam	0,0%	Nova Zelândia	-14,5%	França	-7,4%	Brasil	-32,4%	Coreia do Sul	-28,7%
6 Indonésia	6,4%	Itália	42,6%	Japão	-49,1%	Costa Rica	15,9%	Alemanha	-36,4%
7 Tailândia	-55,1%	Tailândia	-24,9%	China	181,7%	Guatemala	-5,6%	Taiwan	-62,6%
8 França	21,5%	Brasil	-67,1%	Itália	-19,2%	Costa do Marfim	111,3%	Reino Unido	-34,3%
9 Índia	14,5%	Filipinas	-31,4%	México	-10,1%	Equador	-46,4%	França	-43,1%
10 Espanha	-69,9%	Espanha	-20,0%	Suíça	-40,9%	Holanda	-11,5%	Itália	-34,6%
11 Rep. Dominicana	-37,5%	Alemanha	-37,1%	Suécia	122,7%	Indonésia	37,9%	Tailândia	25,2%
12 Argentina	-62,3%	Argentina	-42,8%	Bélgica	-19,7%	Índia	2,2%	Brasil	-31,4%
13 Hong Kong	-57,4%	Indonésia	42,5%	Holanda	-55,5%	Viet Nam	0,0%	Israel	-5,0%
14 Alemanha	-19,1%	França	12,2%	Singapura	10,0%	Peru	149,0%	Índia	120,6%
15 Canadá	-37,9%	Uruguai	668,3%	Israel	79,8%	China	183,2%	Espanha	-59,3%
16 Taiwan	-97,2%	Malásia	3,0%	Trinidad e Tobago	256,7%	Honduras	-48,3%	Hong Kong	-69,8%
17 Romênia	39,0%	Holanda	-27,9%	Espanha	82,9%	Turquia	-59,8%	Indonésia	150,8%
18 Portugal	-39,5%	Índia	67,1%	Dinamarca	61,2%	Argentina	78,5%	Suíça	-14,4%
19 Coreia do Sul	-98,9%	Dinamarca	-65,1%	Coreia do Sul	34,8%	Espanha	290,8%	Malásia	-29,4%
20 Filipinas	-56,2%	Reino Unido	-3,1%	Federação Russa	0,0%	Nova Zelândia	-47,4%	Holanda	-17,4%
21 Costa Rica	286,2%	Japão	-23,3%	Índia	144,3%	Rep. Dominicana	-65,1%	Rep. Dominicana	510,3%
22 Reino Unido	-79,0%	Chile	47,4%	Brasil	-43,0%	Austrália	24,6%	Bélgica	-59,7%
23 Suíça	-37,9%	Colômbia	-44,4%	Áustria	36,6%	Malawi	2,5%	Sri Lanka	224,7%
24 Colômbia	-69,1%	Irlanda	-36,6%	Taiwan	-27,4%	África do Sul	5196,5%	Suécia	-33,9%
25 Eslováquia	0,0%	Bélgica		Arábia Saudita	49,2%	Nicaragua	139953,6%	Rep. Tcheca	0,6%

Fonte: Elaboração própria a partir de dados do Departamento de Comércio dos Estados Unidos.

O estudo realizado por Baumann e Franco (2001) destaca que embora a perda de participação brasileira no mercado norte-americano possa ter ocorrido pelo dinamismo limitado do setor exportador nacional, deve-se levar em conta também outros fatores que possam afetar o desempenho de países concorrentes no mercado norte-americano.

Como exemplo, a análise desses autores, que contempla o período de 1990 a 1998, destaca o desempenho de Canadá e México como os países que apresentaram maiores ganhos de mercado nos Estados Unidos em relação ao Brasil, fato que está associado, em parte, ao relativo favorecimento através de acordos comerciais.

IV. CONCLUSÃO

A verificação da importância do mercado norte-americano no cenário mundial, além da perspectiva de firmar acordos mais amplos de liberalização comercial com os Estados Unidos, ratifica a necessidade de uma análise mais detalhada do potencial e das limitações do setor exportador nacional, tratando em especial do desempenho dos produtos brasileiros no mercado norte-americano e da avaliação do potencial de aumento da participação e da competitividade de produtos brasileiros naquele mercado. (Baumann e Franco, 2001).

Um aspecto positivo que se sobressai na análise das exportações brasileiras para o mercado americano é a elevada participação de produtos industrializados, com forte predominância de produtos da categoria dos manufaturados – traço distintivo em relação às pautas bilaterais com outros parceiros como a União Européia e o mercado asiático. Em 2005, a pauta exportadora brasileira para os Estados Unidos era composta em 85% por bens manufaturados, sendo 60% duráveis e 25% não-duráveis.

No entanto, mantém-se uma concentração de esforços de exportação em setores que vem contribuindo pouco para o crescimento das importações dos Estados Unidos. Isso tem colaborado para que o Brasil não eleve sua participação no mercado norte-americano, em especial, em setores que vem apresentando maior dinamismo.

É importante ressaltar, que embora seja aparentemente positivo para o país, elevar suas exportações de alguns setores manufaturados dinâmicos, o ideal seria que isso não fosse feito à custa de uma redução nas exportações dos demais setores, a menos que estes setores perdessem em alto grau seu dinamismo, o que não é o caso em nenhum dos setores de importação dos Estados Unidos.

A identificação desses produtos e setores que apresentaram queda de participação nas importações estadunidenses e dos países que aproveitaram as oportunidades que o Brasil perdeu no mercado, permite redefinir estratégias de comércio e políticas de investimento para promover as exportações. Cabe ainda nesse sentido, identificar se a redução da participação brasileira deveu-se a um crescimento do total das importações dos Estados Unidos, sem que houvesse aumento das exportações brasileiras, ou se, foi consequência de um desvio de comércio em direção a outros países, tanto do ponto de vista das exportações brasileiras, quanto das importações estadunidenses.

O melhor desempenho de países concorrentes pode refletir além de diferenças no acesso ao mercado e na competitividade, uma concentração de fluxos de comércio entre o Brasil e outros parceiros comerciais, como a União Européia e a Ásia. Porém, estes são mercados que absorvem majoritariamente produtos brasileiros básicos e semimanufaturados, pouco dinâmicos e pouco intensivos em tecnologia. Ao lado dos países da América Latina, os Estados Unidos são o principal destino de exportações de produtos brasileiros manufaturados de maior valor agregado.

Logo, apesar de o desempenho brasileiro não ter sido excepcional e da perda de participação do Brasil no mercado norte-americano – visto que a pauta de exportações para esse país é, por enquanto, uma das mais nobres em relação a outros destinos, no que diz respeito à intensidade tecnológica e valor agregado dos produtos – ser preocupante, o Brasil tem conseguido aproveitar as oportunidades criadas pelo mercado norte-americano em alguns setores dinâmicos, nos quais vem se reforçando o perfil competitivo do Brasil.

V. REFERÊNCIAS

- ALÉM, A. (2000) Promoção às Exportações: O que tem sido feito nos países da OCDE? *Revista do BNDES*. Rio de Janeiro, v. 7, n. 14, p. 229-252.
- BAUMANN, R. e FRANCO, A. M. (2001) O Nafta e a participação do Brasil na ALCA. *Revista brasileira de comércio exterior – RBCE*. Rio de Janeiro, FUNCEX.
- COUTINHO, L., HIRATUKA, C. e SABBATINI, R.. O desafio da construção de uma inserção externa dinamizadora. Texto apresentado no Seminário Brasil em Desenvolvimento. Rio de Janeiro. UFRJ. 2003.
- HIRATUKA, C. e De NEGRI, F. (2003). *Padrões Regionais de Comércio Exterior Brasileiro: qual a influência da origem de capital*. Anais da XXXI ANPEC
- LAPLANE, M. e SARTI, F. (2003). Investimento Direto Estrangeiro e a internacionalização da Economia brasileira nos anos 90. *Economia e Sociedade*, n. 18.
- MOREIRA, M. M. (1999) Estrangeiros em uma economia aberta: impactos recentes sobre produtividade, concentração e comércio exterior. In: Giambiagi, F. e M. M. Moreira (orgs.) *A Economia Brasileira nos Anos 90*. Rio de Janeiro, BNDES.
- SECEX – Secretaria de Comércio Exterior – Disponível em: <http://www.desenvolvimento.gov.br>
- VEIGA, P. M. e CASTILHO, M. R. (2003) *As relações comerciais Brasil – EUA no contexto da ALCA*. Estudos do XV Fórum Nacional – O Novo Governo, Novas Prioridades e Crescimento Sustentado. Rio de Janeiro, INAE.
- UNCTAD (2002) *Trade and Development Report, 2002 – Export dynamism and industrialization in developing countries*. Nações Unidas: Nova York e Geneva
- U.S. Department of Commerce - Disponível em: <http://tse.export.gov>
- WTO – World Trade Organization (Organização Mundial de Comércio - OMC) – International Trade Statistics – Disponível em <http://www.wto.org>